

# O "touro meditado"

André Gustavo Stumpf

Aureliano Chaves viaja hoje à tarde para o Rio de Janeiro, onde assistirá a um casamento, depois de esgrimir com inegável competência os problemas que surgiram à sua frente nos 55 dias de afastamento do presidente João Figueiredo. Não foram poucos os problemas colocados à decisão deste mineiro de 52 anos, traquilo, lento no decidir mas firme na sua conclusão.

O "touro meditado", na magistral definição em que Afonso Arinos de Melo Franco enquadrou o vice-presidente da República, deu certo mais uma vez. Seu curto período de governo evitou a mais grave crise que o país poderia viver desde os tempos tumultuados da Junta Militar, em 1969. Aureliano Chaves exerceu seu poder em toda a extensão, mas não atendeu aos apelos de um espalhafato inútil e nada produtor.

Foi um presidente curioso, porque admitiu uma perceptível diminuição dos procedimentos governamentais. E, assim agindo, oxigenou a sociedade, permitiu que o Congresso Nacional se redescobrisse percebendo a enorme força política ali inativa sem que ninguém soubesse o motivo. Seu primeiro grande problema foi, sem dúvida, a crise que vicejou entre o Superior Tribunal Militar e o ministro do Exército. A troca de notas, de declarações violentas, não atingiu seu gabinete no Planalto. Manteve-se informado de tudo e agiu no sentido de moderar a desavença, que, aliás, acabou logo.

Ao lado disto teve o cuidado de conversar com o General Figueiredo sobre minis-

tros descontentes com sua ascensão à presidência da República. O vice pediu ao presidente que recomendasse aos descontentes viajar ou entrar de licença. Muita gente viajou, inclusive Delfim Netto. Não houve confrontação na área econômica, neste jogo de profissionais. O ministro Camilo Penna, igualmente mineiro, curtiu as delícias de ser o preferido durante aqueles dias. Conseguiu até dinheiro para o setor siderúrgico.

O episódio dos padres franceses é um ponto alto neste governo de 55 dias. Antes, Aureliano Chaves reagiu com a serenidade de parlamentar experimentado a rejeição do projeto de burlenda pelo Congresso Nacional. Lembrou o livre exercício da democracia e não transformou o episódio em nada além daquilo que de fato havia acontecido. O partido do governo havia sido derrotado.

A solução para os padres Gouriou e Camio recoloca a função do Judiciário nos seus devidos termos. O simples procedimento administrativo não foi capaz de resultar na expulsão dos clérigos. Os setores mais duros do regime desejavam a solução, mas o "touro meditado" agiu como sempre. Calmo, tranquilo e objetivo. Ao final deste curto período o país goza uma sensação estranha, aquela de que o poder não precisa necessariamente ser exercido por pessoas de mau humor. E pessoas normais, como Aureliano Chaves depois do êxito de tais proporções podem pensar em articular seu próprio nome para a sucessão do presidente João Figueiredo.